

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Relatório de São Paulo

Class.: 58

Data: 16/08/78

Pg.: _____

Cimi denuncia morte de mais de 100 índios

FSP, 16.8.78

BRASILIA (Sucursal) — A Regional-Norte do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), denunciou a morte de mais de cem índios Wawanaviteri — subgrupo dos Ianoami — do Rio Maiá, fronteira do Brasil com a Venezuela, vítimas de malária, tuberculose e desatenção das autoridades competentes. Segundo o relatório do Cimi este grupo tribal, com um total de quase 400 índios, ficou reduzido a 250 pessoas.

As mortes, embora ocorressem em final de junho, não foram divulgadas por nenhum órgão de imprensa e o presidente da Funai, general Ismarth de Oliveira, afirmou desconhecer esse índice de mortandade. A população branca de São Gabriel da Cachoeira, entretanto, ficou impressionada, segundo os missionários, ao ver "um verdadeiro desfile macabro de algumas dezenas de indígenas enfraquecidos, humilhados e quase mortos pela fome, de acordo com declarações do padre Carlos Galí daquela Prelazia".

MORTES

O padre Carlos, que atualmente trabalha com os Ianoami do rio Cauburis, tentou ultimamente localizar os índios que habitavam o rio Maiá. Estes índios deveriam participar de uma grande festa com os primeiros e já se tinha, inclusive, marcado data. Como na época da festa ninguém aparecia do rio Maiá até o Cauburis, o padre ficou preocupado e enviou um mensageiro índio para verificar se estava acontecendo.

Já no caminho o mensageiro foi encontrando índios caídos mortos, "como mosca". Chegando na aldeia, ele encontrou dezenas de cadáveres abandonados ao redor da maloca central, alguns índios mortos em meio a calafrios, febre e suor, sem sequer poder se mover. "Em estado de completa prostração, uns poucos tentavam reunir forças para fugir", diz o relatório.

O padre Carlos notificou, imediatamente, o bispo da Prelazia, dom Miguel, que solicitou ao brigadeiro Protásio e à Funai que intercedessem, pois havia realmente uma tragédia de proporções alarmantes. Um helicóptero, então, foi cedido e cerca de 40 índios sobreviventes foram transportados até o Hospital de São Gabriel da Cachoeira. Lá, apenas um morreu: uma criança.

SILÊNCIO

Nem mesmo esta única morte no hospital, afirma o Cimi, nem as centenas de mortos da maloca foram noticiadas. Para a opinião pública amazonense, estes mortos nunca existiram. Ao contrário, denuncia o Cimi, no dia 5 de julho apareciam títulos em jornais da Amazônia informando que a Funai havia terminado com as doenças dos índios Wawanaviteri.

Segundo os missionários do norte, alguns funcionários da Funai parecem ter interesse em esconder o fato das próprias autoridades e da opinião pública pelo envolvimento indireto que têm com o problema. "Na verdade, há algum tempo que a Funai vem sendo alertada a respeito da epidemia de malária que começava a tomar conta do rio Maiá, mas nenhuma providência preventiva foi tomada sobre o assunto. Aliás, os índios do rio Maiá pertenciam ao posto que havia ali, mas que foi desativado".

SOBREVIVENTES

Segundo o relatório do CIMI, dos sobreviventes alguns se encontravam, ainda, no Hospital de São Gabriel da Cachoeira. Atualmente o plano desses índios é de construir, eles mesmos, o seu novo habitat, no rio Cauboris. Alguns índios, informam os missionários estão com medo de voltar para sua antiga aldeia, porque os mortos não foram queimados. Segundo a tradição tribal é preciso que sejam queimados todos os mortos e que se faça uma grande cerimônia com as suas cinzas misturadas à bebida conhecida como "mingau de banana".

Diante desses fatos, o CIMI coloca uma série de questões que na opinião dos missionários devem ser apuradas. "É verdade que morreram mais do que esses cem índios? Porque a Funai não tomou medida preventiva para evitar a epidemia? Porque foi desativado o PI do rio Maiá? Porque nenhum funcionário foi destacado para lá? Por que até agora não foram demarcar todas as terras da Reserva Ianoami?"

APOENA CONTRA MISSÃO

O sertanista Apoena Meirelles contestou ontem a permanência da Missão Nova Tribo junto aos índios Gaviões, de Rondônia, por considerá-la inoperante, omissa em relação ao atendimento e assistência aos índios e por funcionar sem nenhum controle da Fundação Nacional do Índio.

Para o sertanista, essa missão, assim como a Meva — que atua também em Rondônia e Amazonas — são tão passíveis de investigações como foram o Conselho Indigenista Missionário e o Summer Institute of Linguistic que pelo menos tinha um cunho científico que norteava suas atividades".

Segundo Apoena, com a mudança dos índios Zorós para as vizinhanças dos Gaviões — após as rixas havidas entre Suruís e Zorós no mês passado — seria ideal a retirada desses missionários da área, pois eles, em dez anos de trabalho com os Gaviões conseguiram "apenas e dentro de seus interesses, transformar em protestantes alguns índios que já não tinham mais nada daquela cultura".